

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE OUTUBRO DE 1911

N.º 306

A conspiração monarchica

Tentativa de revolta no Porto

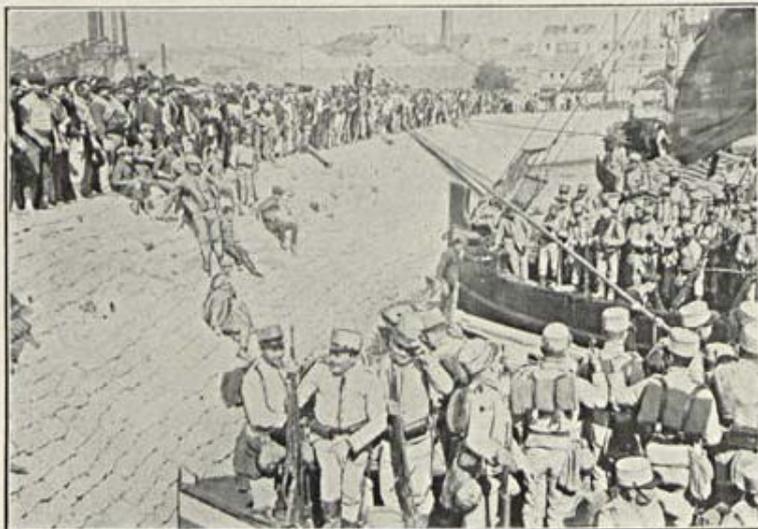


EM CAXIAS — O desembarque dos conspiradores vindos do Porto a bordo do «Adamastor»

(Phot. de J. Benoit)

A conspiração monarchica

Tentativa de revolta no Porto



Aguardando o desembarque dos conspiradores vindos do Porto a bordo do «Adamastor»

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de outubro de 1911

Paiva Conceiro — As suas hostes — O que dizem uns e o que dizem outros — Os que o admiram e os que o amesquinham — Impossibilidade de ver claro — O governo e as suas forças. A esperança que resta ao chronista.

Na apreciação dos acontecimentos politicos que nos ultimos dias decorridos toem preocupado os espiritos, com prejuizo do commercio e sacrificio do paiz, nada menos possivel, nada mais difficil, que a imparcialidade. Porquê? Porque falta a materia prima

para o corpo de delicto. A materia prima deve ser a verdade, mas onde é que ella existe? Estamos num regimem desenfreado de boatos que entre si se contradizem, parecendo que todos se combinam para derreter os miolos á gente mais asisada.

E' Paiva Couceiro quem outra vez está em scena, é o seu nome que vóa de bôca em bôca, é a sua empresa audaciosa que todos discutem, e tanto os que nella confiam como os que a amesquinham, não falam noutra coisa, não pensam noutra assumpto, que é o assumpto por excellencia, que está sendo o nervo vital de uma sociedade inteira.

Entre Paiva Couceiro e o governo portuguez travou-se um duello de morte, dando-se, porém, o caso singular de não haver maneira de se encontrarem frente a frente, numa refrega decisiva, os duellistas.

As hostes de Couceiro lá acampam ao alto das serras de Bragança, lá se movem, lá evolucionam, lá continuam a ser alvo da observação das hostes contrarias, das forças militares que cá em baixo, tambem como ellas acampam, tambem se movem e evolucionam, examinadas pelas de lá de cima, que não se arriscam a descer até ellas, como as de cá de baixo se não atrevem a subir até lá. Aquellas são prudentes, cautelosas. Cautelosas e prudentes como ellas são as suas adversarias. E comtudo, ao que se diz, não pode ser maior o desejo de se devorarem umas ás outras.

Assim se está assistindo a este espectáculo extraordinario, que só prova a favor da civilisação: no principio do seculo xx, a ponderação domina a bravura, é vencida a valentia pela reflexão, e os impetos guerreiros, de um e de outro lado, quebram-se e domam-se ante a muralha da... oportunidade.

Da oportunidade, sim, sem que a palavra possa neste momento grave traduzir qualquer ideia de ironia ou de epigramma. Não, longe de nós esse pensamento. E' que estamos num tempo culto, no qual, por mais que alguns se lembrem de reproduzir as selvagerias do passado, não conseguem impedir os indicios, os signaes, da época civilisada que atravessamos. Noutra, que não fosse esta, a chamada conspiração da fronteira estaria liquidada já, sem pretendermos saber, se com uma victoria se com uma derrota para os que a promoveram. Com a sua sanha, a sua fé e as suas armas, os invasores teriam feito já uma investida formidavel, e os defensores da Republica ter-lhes-iam correspondido com o mesmo impeto, no desejo unico de arrazá-los.



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Tentativa de revolta no Porto — O desembarque dos conspiradores em Caxias

(Phot. de J. Benoit)



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Tentativa de revolta no Porto — Os conspiradores atravessando a ponte de Caxias

O que d'antes se teria feito era isto. Foi isto o que hoje se não fez. E é o espectáculo de uma guerrilha á moderna, de uma guerrilha pauçada, previdente, cautelosa, que se está presenceando com surpresa. Chega-se á conclusão de que o Remexido do Algarve, que tanta bulha fez, hoje não tinha razão de ser, e que se ahí apparecesse, em vez de uma figura de lenda, não passaria de uma figura de troça.

Os panegyristas de Paiva Couceiro revestem-no de qualidades que, parecendo heterogeneas e antagonicas, nelle se casam e fundem por completo. Dizem-n'o homem de ponderação até aos ultimos limites, e homem de acção até aos ultimos heroísmos. E estas asserções documentam-n'as evocando o heroe destemido das campanhas d'África e o administrador modelar da provincia de Angola. Os que o conhecem, affirmam-n'o incapaz de pôr em acção um plano, sem que em todas as suas partes esteja delineado, sem que estejam marcadas todas as suas etapas, sem que estejam previstas todas as consequências da sua execução. Sabem que o general que não preveja todas as retiradas é um pessimo general, e que não é outra a theoria sustentada na pratica por Paiva Couceiro.

Por conseguinte, os seus admiradores, os seus idolatras, mettendo mesmo em linha de conta o mallogro da primeira parte do plano couceirista, mallogro que teve por epilogo milhares de prisioneiros politicos, sustentam que desde que elle se resolveu a invadir o territorio portuguez, é porque... sabe o que faz. E se as investidas contra as forças inimigas se não tem succedido é porque essa inercia apparente faz parte d'esse plano. E accrescentam, para valorisar a affirmação, que, melhor do que elles proprios, seus admiradores e panegyristas, o conhece o governo da nação, que, não obstante a linguagem dos jornaes, que o consideram sem valor, sem força e sem prestigio, mobilisa todas as tropas, de Tavira a Bragança, oppõe forças colossaes de resistencia ás hostes invasoras, demitte o ministro da guerra por sustentar opinião contraria á dos seus collegas, por insistir em não dar aos invasores a força que elles lhes attribuem, manda navios para o Porto e marinheiros para a fronteira, exhibe enfim um apparatus de força publica, que só, ao que parece, pretende dar a medida do valor do inimigo que é chamado a combater e a derrotar.

Deve notar-se, por outro lado, que estes apologistas ferrenhos, seguindo á risca o proverbio latino: *Facile*

credimus quod volumus, rejeitam ou põem de quarentena todas as informações que lhes arrefeçam ou dissipem a esperanza de uma victoria couceirista. Fervem de todas as bandas inventivas e palões, mas quando d'elles partem deixam de o ser, não havendo para elles informação official ou nota officiosa que não seja uma invenção *ad hoc*.

Este duello de boatos, republicano-monarchico, tornou-se, por conseguinte, mais temeroso e mortifero do que o duello entre as hostes inimigas que acampam no districto de Bragança.

E ahí tem os leitores do *Brasil-Portugal* a principal razão da dificuldade que o chronista, fóra da politica e dos partidos, encontra em lançar uma tenue luz de imparcialidade, um clarão de verdade, ainda que rapido e fugitivo, sobre os acontecimentos que se desenrolam. Não ha factos que se confirmem, ha boatos apenas, que de um e de outro lado pullulam e fervilham. Citam-se casos, que entram no inverosimil, ouvem-se affirmações que destroem os factos, cada cabeça cada sentença, os amigos de uns proclamam as suas victorias, que são logo desmentidas pelos adversarios, o governo, no laconismo das notas officiosas, cumpre o seu dever, que consiste em dizer apenas o conveniente, e neste *mare magnum* de boatos, de pêtas, de phantasias, a imaginação desvaira, tolda-se a razão, e apenas ao chronista desapaixionado fica a esperanza, primeiro, de que pode fazer-se a luz, depois, de que hão de vir dias melhores, em que os espiritos socegum e o paiz se restabeleça d'esta doença que o prostra e se salve d'esta crise afflictiva.

JAYME VICTOR.



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Tentativa de revolta no Porto — A escolta conduzindo os conspiradores atravessando o caes de Caxias.

A Rainha Santa Izabel

Faz no dia 29 do corrente 234 annos que se celebrou em Coimbra a trasladação das religiosas franciscanas do antigo convento de Santa Clara, que fóra começado a 28 de abril de 1286, para o novo convento começado a 3 de julho de 1649, por aquelle estar quasi sob as areias do rio.

Trasladou-se juntamente por essa occasião o corpo da rainha Santa Izabel, fallecida em Extremoz a 4 de julho de 1336, sepultada no convento de Santa Clara de Coimbra e canonisada a 25 de maio de 1625 pelo papa Urbano VIII.

O prestito atravessou por entre alas formadas pelas corporações religiosas da cidade, que por concorrerem em grande numero não puderam ir incorporadas na procissão, apesar de não ser curta a distancia a percorrer.



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Tentativa de revolta no Porto — Os conspiradores no meio da escolta

(Phot. de J. Benoitel)

A' frente do cortejo ia o marquez de Arronches com o pendão que tinha o retrato da rainha, a cujos cordões pegavam seu filho e o conde da Ponte; seguiam as comunidades das duas ordens de S. Francisco, 74 freiras, varias confrarias e irmandades, a Universidade de Coimbra, a camara, auctoridades civis, a cleresia, cabido, etc.

O ataude com o corpo da rainha foi conduzido debaixo do pallio pelos bispos de Lamego, Porto, Pernambuco, Vizeu, Braga e Miranda, sendo revesados pelos provinciaes das ordens da Trindade, dos eremitas de S. Agostinho e dos carmelitas descalços. Levavam as varas do pallio o marquez das Minas, os condes de Figueiró, da Feira, de Santa Cruz, de Soure, de Aveiras, de Alvito e o visconde de Villa Nova da Cerveira.

Atraz do pallio iam o bispo-conde e o bispo de S. Thomé.

O corpo da rainha foi encerrado em um cofre de prata e crystal, mandado fazer anteriormente pelo bispo-conde D. Affonso de Castello Branco, que importou em 15:000 cruzados e que tem a seguinte inscripção em letras de ouro: «D. Affonso de Castello Branco, bispo de Coimbra, fez esta obra em louvor da rainha santa. Anno de 1614».

Depois do cofre fechado com tres chaves, foram estas entregues: uma a Roque Monteiro Paim, secretario do Es-



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Tentativa de revolta no Porto
A escolta conduzindo os conspiradores



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Tentativa de revolta no Porto
Os conspiradores a caminho do forte do Alto do Duque

tado, para a dar ao principe regente D. Pedro, outra ao bispo de Coimbra e a terceira á prelada do convento.

Não estando fabricada ainda a esse tempo a igreja do mosteiro, foi o cofre collocado em uma capella provisoria, e quando foi sagrado o novo templo em 26 de junho de 1696, trasladou-se o cofre no dia 3 do mez seguinte para a tribuna sobre o altar-mór. Proximo existe o mausoleu de pedra em que jazeu a rainha santa na igreja velha por mais de tres seculos.

Na *Revista Litteraria*, do Porto, vol. 7.º, encontram-se muitas particularidades curiosas sobre a trasladação da rainha Santa Izabel.

CUMULO DA PREGUIÇA

Havia um homem que desanimado do trabalho resolveu enterrar-se vivo.

Contando esta resolução a um amigo, pediu-lhe que trouxesse companheiros e um bangué para o levarem ao cemiterio.

No dia immediato elle com muito custo, apromptou-se e collocou-se no esquife.

No caminho encontraram um fazendeiro.

— Quem morreu ?

— E' fulano.

— Está vivo!

— Mas disse que não tinha mesmo coragem de trabalhar, e que podia morrer de fome, por isso resolveu enterrar-se vivo.

— Não, isso não pode ser assim, disse o bonachão do fazendeiro. Olhem; eu dou um alqueire de feijão e arroz...

Ouvindo isto, ergue com muito custo a cabeça o defunto-vivo e lhe pergunta.

— Oh! senhor, o arroz é pilado ou é com casca?

— E' com casca...

— Vamos, gente, vamos, disse com voz muito branda o defunto, deitando-se novamente no seu bangué.

No harem

(CONTO ARABE)

I

O sol sumira-se por detrás dos tezos alcantilados do horizonte. Sobre o cariz do sol moribundo desenhavam-se tristes as silhuetas do velho aqueducto romano e das almadenas das mesquitas; e os minaretes doirados rebrilhavam illuminados pela lua cheia. No ar pairava o aroma quente das laranjeiras e dos limoeiros; ao



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Tentativa de revolta no Porto
Os conspiradores e a respectiva escolta descendo aos fossos do forte

(Phot. de J. Benoitel)

longe, saudosas, as noras gemiam e das almadenas os muezzins chamavam á oração.

A cidade descansava. Após longos annos de guerra santa, do aldjhed, os arabes iam gosar pela primeira vez uma noite de so-

longas folhas de pergaminho e inflamado leu o kassideh, a longa ode de louvor ao grande iman.

Depois começaram as danças das concubinas, e os grandes funcionarios, kathebs e ricos mercadores de tapeçarias orientaes,



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Tentativa de revolta no Porto
Os conspiradores presos no Porto entrando nos fossos do forte do Alto do Duque

cego, sem as inquietações das investidas dos cristãos e os gritos de vigia dos almenaras. Tinham deposto finalmente as compridas lanças, voltando aos afetos da familia, á tranquillidade do lar, esteeda numa fervorosa crença, e rezando á noitinha muito devotos, voltados na direcção da santa Kaaba.

O sol morrera e a lua subira esplendorosa, prateando o Guadalquivir e os lagos dos jardins fantasticos do kalifa, acendendo reflexos de ouro nas cupulas dos palacios e fazendo alvejar os turbantes dos raros transeuntes.

Do Azzhrat, por entre as janelas em arco, sae a luz a jorros, de mistura com gargalhadas finas e sons despedaçados dum mimoso arrabil.

O palacio estava em festa. Pela primeira vez no seu reinado o kalifa Abdurraman gosava um dia de paz. Reclinado no seu almatrah, no alto do trono, calcado sobre successivas victorias e milhares de victimas, sentia-se orgulhoso. O seu nome enchia as Espanhas; os mosarabes prostavam-se em adoração ao vê-lo, e os cristãos sentiam tremer-lhes nas mãos o Evangelho, ao ouvirem o grito:

— Abdurraman! Allah-ub-Acbar!

A egreja cristã, aos embates do Crescente, saudada como o emblema da victoria, ia ruindo pelos alicerces, e impetuosa, vencedora, a lei de Mafoma estendia-se pela Andaluza, o Alcorão era o livro por excelencia. Das provincias os walis mandavam mensageiros assegurando-o da prosperidade e submissão que por toda a parte reinava.

Naquella noite, antes das danças das concubinas, os mensageiros tinham-se prostrado, de braços em cruz, rendendo-lhe graças pela sua ultima victoria e offerecendo-lhe os despojos. E orgulhoso, agradecido a Allah, o Kalifa viu desfilar por entre a multidão de faquires, de wasires do grande diwan, de kayids, os nubios de turbantes amarelos e aljarabias de ramagens claras, nas orelhas grandes argolas, com os despojos preciosos em ricas almofadas de brocado e ouro.

Em seguida começara a festa.

Um mouro de olhar obliquo, um épico mercenario, desenrolou

que em caravanas atravessavam a Libia e a Arabia, de Bagdad a Gibraltar, portadores de panos de Raz e de planos de conspirações sangrentas — como a que destronara os Abassidas — e os convivas tomavam logar em volta do lago cristalino que refres-



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Tentativa de revolta no Porto
O carro cellular transportando para o forte os presos militares
(Phot. de J. Benoliel)

cava a vasta quadra, de pernas encruzadas sobre os tijolos pretos e vermelhos, jogando o xadrez sobre caixas de tamaras.

Ao lado do kalifa, uma escrava gentil colava-lhe a barba negra e alizava-lhe com os dedos finos a testa, que longas batalhas,

surpresas de conspirações tenebrosas e dissenções palacianas tinham enrugado.

Deitados nos degraus do throno, os nubios esperam: um olhando vagamente o tremeluzir das velas dos lampadarios doirados e ramificados em angulos rectos; o outro fitando nostalgico os panos de Raz, suspensos das paredes, que figuravam com saudade os palmares livres do seu deserto, o crepitar do lume á noite, numa clareira, e por entre sustos, o grito arripiador.

— Os arabes!

De quando em quando o seu olhar encontra o de Ayecha, a favorita do soberano, e tímido baixa os olhos, e vae mirando as

negras sobre o colo sensual. Com passo subtil, atravessou o harem e espreitou por cima dum biombo. Ninguem.

Susteve um pequeno grito e, voltando, perguntou ao eunuco, meio adormecido:

— Ayecha?

— Ayecha? — repetiu o outro estremunhado, esfregando os olhos.

— Sim, pelo santo idolo, pelos nossos palmares distantes, Ayecha?

— Não veio. O sultão...

— Ah! — fez o outro, tapando-lhe a boca, num tremor convulso, espumante de ciúme. E correu o mesmo reposteiro, afas-



A conspiração monarchica — A segunda leva de presos em virtude dos acontecimentos do Porto e do norte do paiz descendo a encosta que conduz ao forte de Caxias

(Phot. de J. Benoit)

curvas deliciosas desse corpo divinal, que o leve tiraz mal encobre.

A's portas mouros de pele tsnada guardam; nas laminas compridas das lanças as velas põem scintilações irrequietas.

II

Nas egrejas cristãs os sinos tinham batido lentamente doze horas, ao alto a lua branquejava a cidade. Apenas os vigias da alcaçova gritavam as vozes d'álerta, nas termas as aguas calam cristalinamente nas longas tinas de marmore.

O palacio dormia; findára a festa.

Um vulto negro atravessou rapidamente o longo corredor de tijolos, escassamente iluminado por uma véla fumarenta, correu um brocado, fez um gesto de intelligencia ao eunuco, meio adormecido, e penetrou no harem. Com o coração oppresso e as pupilas dilatadas, olhou. Por sobre os divans as concubinas dormiam, meias despidas, com os seios nus, e os cabelos soltos tombando em ondas

tando-se lentamente pelo mesmo corredor, sentindo duas lagrimas tristissimas, d'uma angustia indizível, molharem-lhe as faces.

III

Ayecha conhecera Niorat, o eunuco guarda pessoal do sultão, numa noite luarenta, alegre noite de danças, em volta do fogo, numa clareira do bosque. Celebravam se as bódas dum guerreiro esforçado Araken, segundo o rito indigena. Das povoações proximas tinham vindo as virgens coroadas de flores e rescendentes a baunilha, e os mancebos ainda não celebrados por feitos guerreiros.

Dançavam aos pares.

Niorat viu Ayecha, deram-se as mãos e dançaram juntos.

— Ayecha, doce Ayecha, a tua voz é doce como os bolos de mel que trouxeste para o bom Araken, cujas bódas se celebram; o teu olhar é belo; não é mais vivo o sol do deserto, nem mais suave a lua, que com seu fulgor augura a Araken um futuro feliz.

— Niorat, meu bem!

— Dize-me, Ayecha, luz dos meus olhos: quando voltas tu

do bom Araken, eu as levo maiores dos teus cabellos de azeviche, dos teus olhos, duas estrelinhas, da tua boca, um crautá em flor.

Tu serás a minha estrela morta (1), que do ceu do idolo do amor, o poderoso Iverandec, me guiará toda a vida até que eu, sem já poder mergulhar, nesses teus olhos limpidos e serenos, como o ceu, em dia de sol, os meus embaciados; sem já poder unir a minha à tua boca vermelha, como um fruto de oiticy, até que eu seja encerrado no camocim entre folhas secas.

— Niorat, tu falas como um mensageiro de Iverandec; quero ser a tua estrela morta. E daqui a tres luas Ayecha, saboreando o cariman, terá saudades de ti. Assim se tinham amado.

Niorat ofereceu-lhe a manilha do braço esquerdo e separaram-se.

Pouco tempo depois, o emir da cavalaria arabe, de passagem para a Espanha, arrebanhava as virgens, segundo ordem do todo poderoso Abdurraman, que oprimido pelo remorso da morte de seu filho Abdallah, suspeito de traidor, queria sufocar esses rebates de consciencia nos seios tumidos das virgens etiopees, arancadas aos leitos, quando sonhavam com os noivos, sorrindo deliciosamente.

Ayecha foi das raptadas e soluçando despedira o ultimo adeus ao pae moribundo, que a defendera, e beijára em lagrimas a manilha, recordação de amor desse bom Niorat, que conhecera nas bódas de Araken.

Sofreram muito. Elle empunhou a uiraçaba e debateu-se como um tigre, invocando os idolos e a estrela morta, a saudosa Ayecha. Odiou o albornoz e o crescente.

E de noite, rastejando por entre as palmeiras como uma serpente, apunhalava os atalaia e penetrava no campo arabe. Mas em breve o grito de alarme o obrigava a fugir présto, occultando-se por entre a ramagem de uma palmeira frondosa, vendo lá do alto os arabes com archotes, rebuscando o mato. Inutil. O poderoso Iverandec protegia-o e no ceu rebrilhava serena e fixa a suave estrela morta.



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — A segunda leva de presos em virtude dos acontecimentos do Porto e do norte do paiz — No primeiro plano, olhando para o leitor, o sr. Conde do Restello.

para junto de teus pais, a saborear o piracem e o cariman, á margem do rio, ouvindo os sahy?

— Quando a lua tiver brilhado tres vezes e outras tantas se



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — A segunda leva de presos em virtude dos acontecimentos do Porto e do norte do paiz — Os presos dando entrada no forte de Caxias

tiver escondido para a banda dos inimigos dos idolos, eu serei junto do rio, escutando os sahy e sentindo saudades das nupcias do bom Araken.

— Ayecha, querida Ayecha; se tu levas saudades das nupcias

Voltou a tentar introduzir-se no campo inimigo. Entrou, avançou, ia forçar a tenda do emir, quando reboou o grito de alarme.

(1) Estrela polar; os indigenas chamam-lhe assim pela sua imobilidade.

A VIDA ELEGANTE NAS CALDAS DA RAINHA

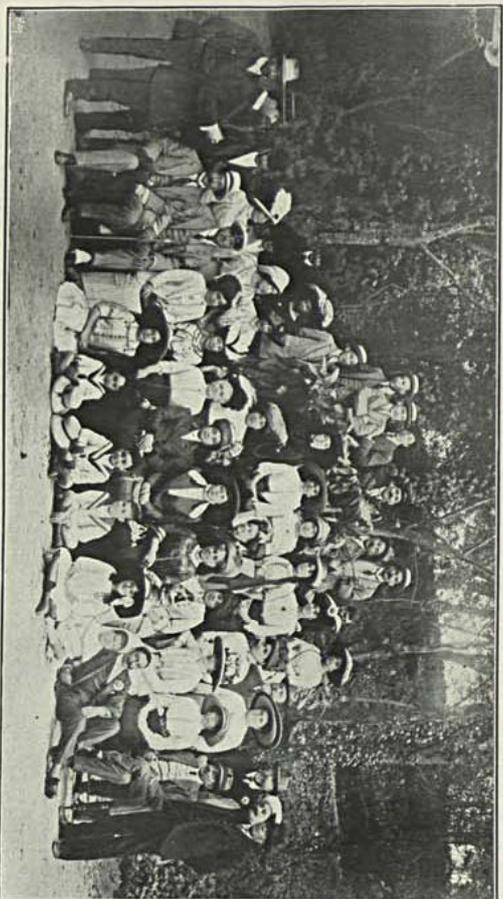
Um «pic-nic» no Conventinho organizado pelas famílias Queriol e Xavier de Almeida



Conde de Fout-Aiva

O principal organisador do concurso hippico das Caldas da Rainha

Um almogo no Parque das Faias organizado pelas sr.^{as} D. Maria do Carmo Andrade de Almeida Lima e D. Maria Luiza Ripamonti de Oliveira



A este almogo assistiram as sr.^{as} D. Maria Martin Pereira, D. Laura Ferreira Pinto Figueira, D. Maria Carolina Gagliardi, D. Maria José de Santa Mexia da Costa, D. Maria Carlota de Almeida Camarero Goyã, D. Leonor de Castilho, D. Maria Amalia Cabral Camarero, D. Luiza de Abom Amado, D. Georgina Santos, D. Maria Xavier de Passos Manoel Camarero, D. Joanna Virgolino de Brito, D. Maria Margarida Santos, D. Beatriz Figueira Freire da Camara, D. Virginia de Bettencourt, D. Francisca de Almeida de Mendia, D. Maria do Carmo de Almeida Lima, D. Rosa Azevedo de Vasconcelos, miss Brown, D. Maria Luiza Ripamonti de Oliveira, D. Maria do Carmo Meneses, D. Fernanda Graça de S. Mamode, D. Aida Mourão Basto Ayres de Magalhães, D. Honorina de Moraes Graça, D. Maria Amélia Mexia da Costa, D. Zulmira Franco Teixeira, etc., etc., e os sr.s dr. Martins Pereira, Visconde de Sacarém (José), José Mexia da Costa, Manoel Figueira Freire da Camara, dr. Carlos de Oliveira, D. Jorge de Meneses, José de Castilho, commensal Jorge de Almeida Lima, João de Passos Camarero, João Gagliardi, Barão de Almeida, Frederico de Bettencourt, Alexandre, José Malhães e Francisco de Almeida de Mendia, José Manoel Pinto (Sacarém), Christovam Ayres (filho), Alfredo de S. Mamode, Jorge Graça, dr. Rodrigo Ayres de Magalhães, etc.

Mas intertraria-se demis no campo e na foga foi surpreendido por dois atalans de lanca en risle. Levado á presenca do emir, mandado, prostrou-se com humildade.

— Todo poderoso e justiciero Albarri, o teu nome enche a Ethiopia, o sangue dos teus vencidos tingiu o Mar Roxo e enlhou a Nubia, Albarri, tu és grande, ouve-me:

Nioral maseu nestes palmares, onde o leão rugiu arrependido a grenha, e a garça canta ao cair do sol; Nioral navegou no Mar Roxo pela monção num junco de pesca, encorajado á partida pelos cantos de invocação das virgens, em obo na praia, que o mar em ondas de escumilha vem lambert, humilde e amoroso.

Uma noite, em que o gará cantava e o leão dormia na gruta, Nioral viu oferecer á Araken os holos de mel e a farinha d'agua. Em volta do lume os guerreiros descansavam sobre as armas, e em roda delles as virgens e os manecos louvavam o todo poderoso Iverande.

Nessa noite amei Ayecha, amor que é a minha vida, doçura d'olhos que é a minha esperanza; ella era linda como o ceu avermelhado pelo sol, quando surge dentre os palmares, saudado pelos garás; ella era bella como um cravú em flor no mós das faias, quando os nossos guerreiros seem á caça dos granhos. A sua voz era um cantico, os seus cabelos eram escuros, fartos e revoltos como o mar Roxo, em noite de nuvens. Eu amei Ayecha, poderoso Albarri, e Ayecha amou Nioral. Mas uma tarde que eu sirta com os outros manecos em juncos de pesca, tu m'a levaste. E á volta na praia, só o mar em escumilha beijando a areia. Nem as virgens saudavam os recémegados; os cravúds tinham murchado e os garás emudecido.

Tu levaste-nos as virgens e entre ellas a minha Ayecha, meu bem!

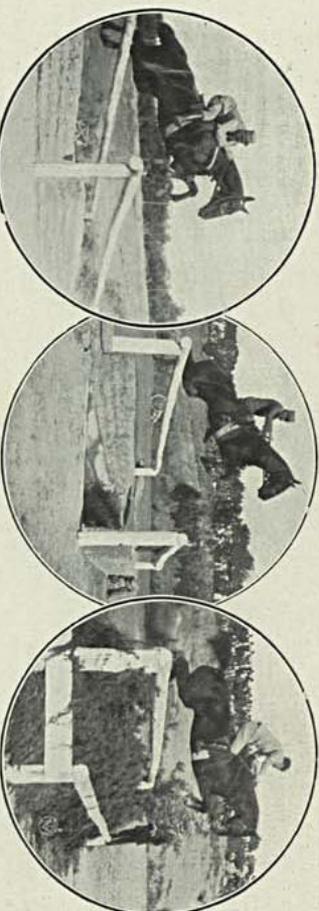
— Escravo, ouvi teu destino. Ayecha está pura.

— Por Allah?



Neste pic-nic tomavam parte as sr.^{as} D. Maria e D. Laura Avelar, D. Eugénia Torres, D. Beatriz da Silveira, D. Christina Moncha, D. Luiza Xavier de Almeida, D. Virginia e D. Aida Lopes de Mendonça, D. Carolina Martires, D. Elyra Bordallo Pinheiro e filha, D. Amélia Queriol, D. Ida Bordallo Pinheiro, mademoiselle Silveira, D. Emilia Xavier de Almeida, D. Henriqueta Moreira de Almeida e filha, Viscondessa de Andaluz (D. Maria), D. Dulce da Silveira, madame Cordete Felo, mademoiselles Baralhães, etc., etc., e os sr.s Nuno Queriol e filhos, Moreira d'Almeida e filho, Henrique Lopes de Mendonça, Xavier de Almeida, Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro, Cordeteiro Felo, A. Silveira, Antonio Torres, dr. Ferrari, Ernesto de Avelar, etc., etc.

O concurso hippico nas Caldas da Rainha



Sauca e Fero saltando a ría entre varas (Phot. de Armando Silva)

O capitão André Reis n'um salto da prova das Caldas (Phot. de Alfredo Sacarém-amador)

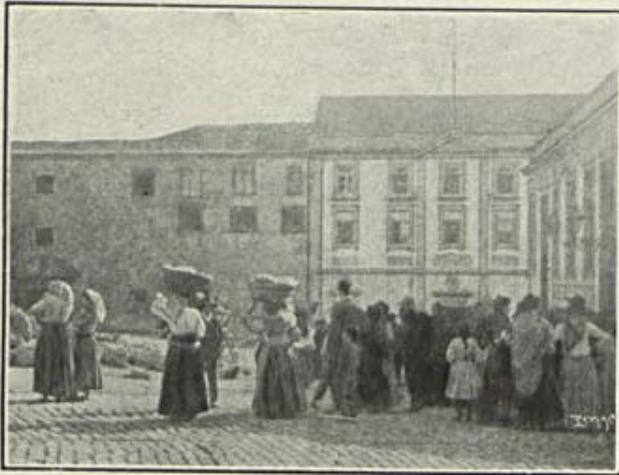
Theodoro Santos n'um salto (Phot. de Armando Silva)

Tanto as photographias do distincto amador Alfredo Pinto (Sacarém) como as do lanceiro profissional Armando Silva, foram amavelmente cedidas ao «Brasil-Portugalia» por intermédio do nosso amigo D. Jorge de Meneses gentileza que nos tres muito agradecemos.

— Por Allah! Tu vaes para Cordova. Que o mui alto e poderoso kalifa, representante na terra de Mahomet o enviado de Deus,

A conspiração monarchica

No Porto — Tentativa de revolta



O edifício do Aljube onde estiveram presos os conspiradores

decida da tua sorte. Mas que ela te não veja senão morrerão ambos. Juras?

— Por Iverandec!

IV

Abdurraman, indiferente á chorada narração do escravo, mandára-o mutilar, conservando-o no Azzhrat como seu guarda pessoal, seduzido pela sua elevada estatura e possante corpulencia. E Ayecha — uma noite em que a lua beijava os laranjaes em flor e na camara proxima um mouro tangia o arrabil — pensando em Nicoat, despedia-se da virgindade. Niorat soube-o, adivinhou no seu olhar mais triste, nos labios descórados, numa lagrima fugidia que ela chorára olhando os pannos de Raz e sonhando nos palmares distantes, nas danças em volta do lume crepitante, nas bodas de Araken; sentira-o porque a sua alma se lhe comprimira mais allita do que na noite em que chegára á praia e um manco de penas berrantes lhe annunciára o seu rapto.

Nessa noite odiou Abdurraman o cruel sultão que o incompletára, e esteve a ponto de lhe mergulhar no peito, por entre as sedas orientaes, um punhal envenenado, como usam os somalis. Mas de que servia?

Ayecha continuaria impura e ele incompleto, incapaz de gosar o seu amor. E — quem sabe? — talvez a fizessem morrer! Se ao menos juntos o poderoso Iverandec casa-los-ia e no ceu a boa estrela morta apagar-se-ia.

Na noite da festa Niorat soffreu mais do que nunca. Foi ao harem; o sultão revolvía-se com ela na camilla sensual. E com a alma alanceada num abysmo de amargura, a amargura horrível do cume, chorou, contorceu-se, rojou-se no chão, ensanguentando as faces, rasgando as carnes.

— Ayecha, meu bem! — dizia nos seus gemidos mais tristes que os zunidos dos merus dos palmares.

Na manhã immediata, quando Niorat do alto da alcaçova mirava com volupia o vortice do Guadalquivir, profundo e fanatisador, o soberano falou-lhe... pela primeira vez com carinho, olhando-o docemente:

— Niorat, melhor seria dizer-te: Mulin, o triste; Niorat tu soffres.

— Poderoso Abdurraman: o teu olhar é perspicaz, como o teu poder é grande e temido. Grão kalifa, Niorat sofre. Elle ama os olhos mais belos de Nubia, os cabellos mais voluptuosos, as carnes mais frescas, a boca mais perfumada dos palmares da Etiopia. Niorat ama Ayecha.

— Eu sei!

E a voz do eunuco, triste e doce, chorosa e sincera, seduzia-o, enternecia-o. Nem as profecias atterradoras do faquir, nem as con-



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — No Porto — Tentativa de revolta — O Circulo Catholico dos Operarios do Porto onde foram presos 31 conspiradores e que o povo incendiou no dia seguinte ao da tentativa de revolta.

tas estiolantes dos thesoureiros, só falando em maravedis e dirhens.

— Eu sei! — Repetiu, olhando as presas do rio — Eu sei! — Repetiu num tremor e numa lividez horriveis — Eu sei!

Surgira-lhe ao espirito o espectro do filho, a sua figura intelligente, a sua fina barba negra, o turbante branco, empunhando a adaga recurva, guiando um coreél fogoso e correndo por entre as nuvens de poeira, aos almargens infieis, ao caminho da vitoria.

— Abdallah me inspira! — pensou dolorosamente.

— Abdurraman, as tristesas dum pobre eunuco que ama a mulher mais bela do teu harem, que dançou com Ayecha nas nupcias de Araken, as saudades pelos palmares não te devem interessar.

Os wazires te esperam talvez.

— Enganas-te. Interessa-me a tua tristeza, apiedou-me a tua confissão. Niorat corre ao harem. Ayecha é tua.

— Abdurraman, que dizes? Ah! A tua alma é grande como o teu imperio. Inspirou-te o profeta. Eu esperava ainda em Iverandec e na minha

boa estrela morta, — e entrou correndo.

— Que a alma rija que condenou Abdallah saiba felicitar um eunuco!



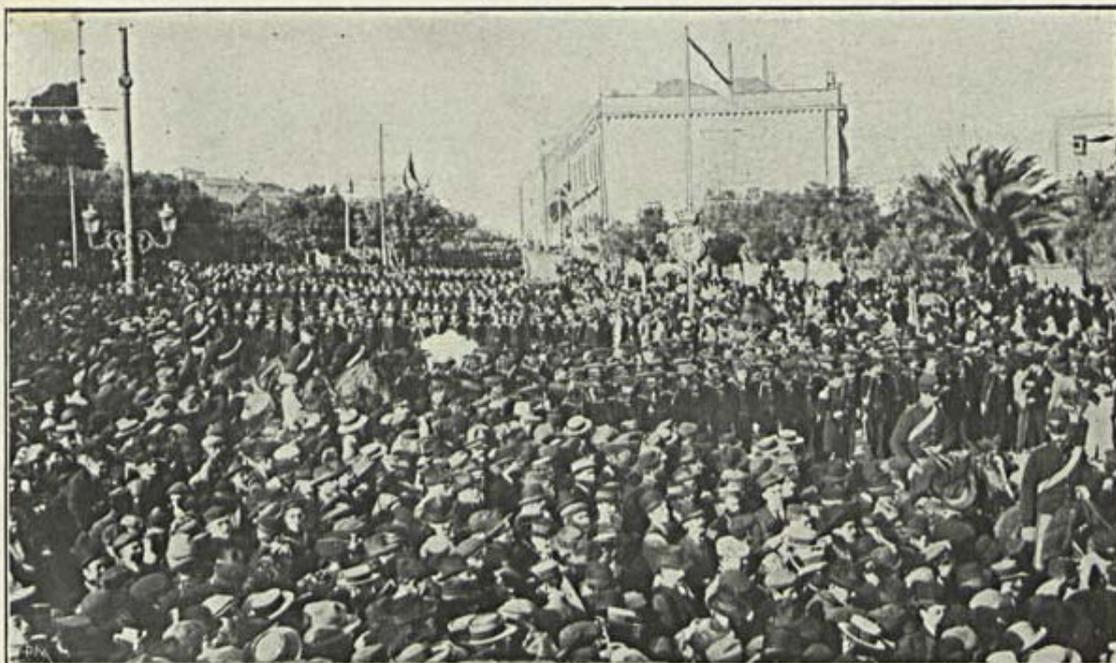
A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — No Porto — Tentativa de revolta — O couraçado « Vasco da Gama », fundeado em Leixões onde foi receber os conspiradores.

V

Quando entre gritos de jubilo. Niorat entrou no harem, a favorita do sultão estava só. Com o cabelo em flôres, enfiava pero-

O kalifa deixa que eu una a minha á tua boca de cereja, que eu mergulhe os meus olhos, embaciados das lagrimas, nos teus profundos como o mar; que eu beije os teus cabelos como nas nupcias de Araken. E's minha, disse-o Abdurraman.

As festas do anniversario da proclamação da republica



O desfile das tropas depois da parada militar na Rotunda — Os marinheiros

(Phot. de J. Benoitel)

las num fio de ouro, reclinada num coxim; na pira, ao centro, ardi-
diam os perfumes e subiam em espiraes azuladas; a um canto

— O poderoso idolo foi por nós, Niorat, bom Niorat!
— Ayecha! — e ia empuxa-la para si, tão deliciosa e atraente



AS FESTAS DO ANNIVERSARIO DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

O desfile das tropas depois da parada militar na Rotunda — Os caçadores

(Phot. de A. C. Lima)

murchavam uns junquinhos, pela janela ouvia-se o correr do rio sussurrante.

— Ayecha, minha bem arrada Ayecha, Iverandec é por nós.

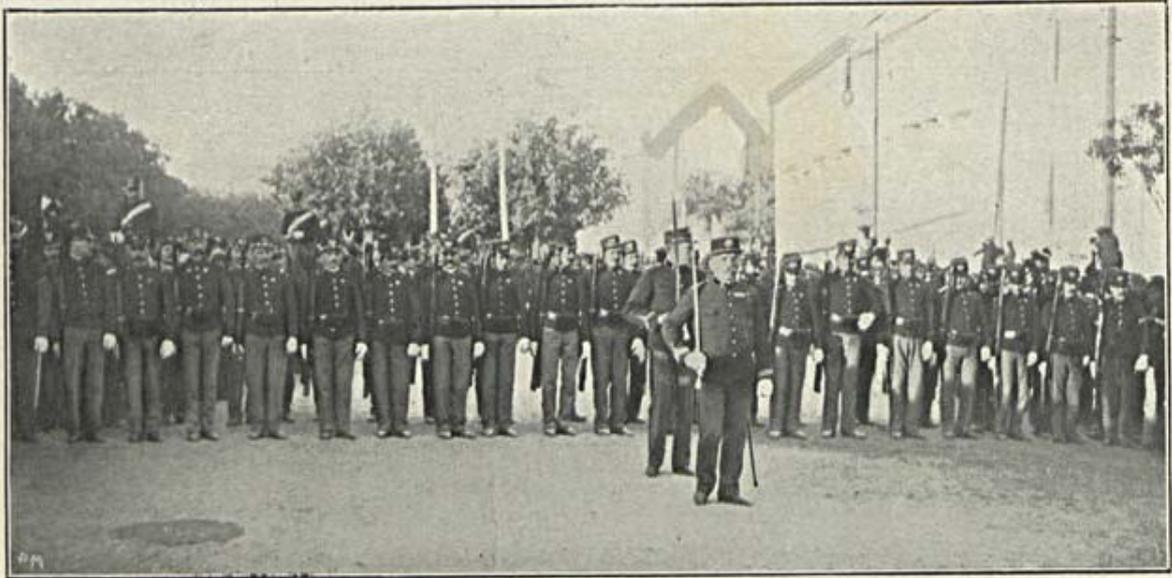
ela estava com duas rosas palidas nos cabelos e o corpo belo mal oculto pela cabaia de sêda branca, atada pela cintura por uma faixa azul desmaiado, caindo em franjas sobre os sapatos doirados.

Mas repeliu-a logo passando a mão pela testa em suor. Niorat fóra mutilado.

Lembrára-lhe a tarde em que Abdurraman, o mesmo que agora lhe entregava Ayecha já gosada, a um gesto cansado, fizera cumprir a cruel ordem.

Pela janela coava-se um raio de sol, suave e indiferente; no jardim um mouro de Méca tangia o arrabil, divertindo Abdurraman que olhava distraído o torvelinho do Guadalquivir.

Meia desfalecida, com os cabelos soltos, a faixa desenrolada, a escrava avançou trocando as pernas, para o cadaver do eunuco;



AS FESTAS DO ANNIVERSARIO DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA
Os desfilar das tropas depois da parada militar na Rotunda — *A guarda republicana*

— Ayecha, Niorat não te pôde amar — Nisto, recuando sinistro, com os olhos em sangue, o gesto feroz, tirou da cinta um punhal.

Um raio de sol, coando-se pela janela, beijou a escrava e prateou a lamina envenenada.

— Até ao céu d'Iverandec, Ayecha! e vibrou uma punhalada

arrancou-lhe do peito o punhal ensanguentado e sem lagrimas, os olhos num marasmo de louca, num tom d'êbriedade:

— Niorat descansa, Ayecha vae morrer com o mesmo ferro que trespassou tuas carnes. Estranhas, nupcias as nossas!

Nem bolos de mel, nem lume, nem danças!

Oh! As de Araken! — e caiu sobre o corpo do eunuco.



AS FESTAS DO ANNIVERSARIO DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA
O desfilar das tropas depois da parada militar na Rotunda — *A artilharia*

(Phot. do A. C. Lima)

no peito — Aye... Ayecha! — articulou a custo, cambaleou e caiu inteiriçado.

A favorita no primeiro momento sentiu vergarem-lhe as pernas, e um grito estrangulou se-lhe na garganta.

No jardim o mouro tangia o arrabil e o sultão olhava distraído o torvelinho do Guadalquivir.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.



AS FESTAS DO ANNIVERSARIO DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

O cortejo cívico — O carro dos correios

(Phot. de C. A. Lima)

A canção da cerejeira

NA primavera disse Deus: «Ponham a mesa para a lagarta.» E a cerejeira vê logo vividecer o seu tronco respeitavel, folha aqui, folha alli, enfim milhares de folhas que cobrem toda a arvore.

E a largarta, que ainda estava a dormir, desperta e começa a comer alegremente.

Come a bom comer!... Oh! como devora! E diz — a lagarta que é tão gulosa! — «Magnifico! é de se ficar aqui a comer alegremente.»

Então disse o bom Deus: «Agora, ponham a mesa para a abelha!» E a arvore flori: são flores alvas que a toucam toda, muitas flores! Uma maravilha! A primavera sorri nessas mil flores...

Logo, ao pintar d'alva, a abelha viu isso, de longe, e o primeiro raio de sol leva-a até á arvore.

—Vamos beber! vamos! diz o insecto no seu vôo sonoro... Oh! o licor fresco! E como brilha na taça em flor dourada pelo soll!

Chega o verão. Deus diz «Meus passarinhos estão com fome; bem, ponham a mesa para elles.»

E afinal a arvore verga-se carregada de fructos. Cerejas maduras, um deleite que o passarinho vae comendo com o bico fino.

Ah! ah! diz o passarinho, bellas cerejas, e vai voejando de uma a outra. Isto me dá força... Tem um sabor especial; ao cantar eu sentia que o coração estava enfraquecido... Cantarei mais, estou muito contente!

E em uma manhã de outomno, diz o bom Deus: «Tirem a mesa!» Começa a ventar; é vento da serra de um zunir monotono.

Amarellecem as folhas, caem, torvelinham; não tardam os dias pequenos do inverno.

E o bom Deus diz: «Cubram o que resta.»

Cae a neve... Adeus sementeira! Não mais virolencia nos bosques nem no céu azul!

Sob o tapete branco estendido pelo inverno, adormeceram todas as cerejeiras.

Guerra Junqueiro.

REI PHANTASMA — Ballada allemã

Quem é que cavalga a esta hora, na escuridão da noite, sob a chuva que cahe e o vento que uiva?

As arvores agitam a folhagem descabellada, arripiada do terror da noite.

Um velho passa apressadamente apertando nos braços o filho amado, fazendo-lhe com o rosto e com as mãos um carinhoso abrigo.

— Occulta-me o rosto, pae.

— Para que queres que te occulte o rosto, filho?

— Não vês o Rei envolvido em seu manto de purpura, brandindo o sceptro como um louco?



Heloisa Pollo

A educação, a formosura, a bondade, são o opulento e invejavel apanagio d'esta mocidade radiante. Heloisa Pollo é a alegria e o enlevo de seus paes, é ella que com o seu sorriso e a sua graça adoça e suavisa a vida laboriosa do grande amigo que o «Brasil-Portugal» conta ha quatorze annos no Rio de Janeiro, José Pollo, intelligencia culta, coração de oiro, portuguez de lei.

A incursão de Paiva Couceiro



Vista geral de Vinhaes

(O edificio á esquerda que está marcado com uma cruz é o da Camara Municipal onde Paiva Couceiro fez arvorar a bandeira azul e branca)

— Não tenhas medo, filho, é uma nuvem que estremeceu á furia do vento e se desfez em agua.

«Linda creança, vem commigo! Vamos gosar as riquezas do meu reino, embriagar a vista no esplendor do meu ouro, correr os

meus campos onde ha flôres perfumadas e arvores vergando ao peso dos fructos.»

— Pae, pae! não ouves o que o Rei me promette em voz baixa?

— Não é nada, meu filho, é o vento brando que murmura nas ramas e que resvala nas folhas e nada mais. Filho, não tenhas medo.

«Creança linda, queres vir commigo? As minhas filhas são claras como a neve e teem cabellos louros como o sol; ellas te conduzirão á dança nocturna em companhia das fadas do bosque; ellas te ensinarão brinquedos nunca vistos e te farão passar n'uma barquinha azul sobre as aguas do lago. E tu has-de adormecer ao seu canto e sonhar sob seus affagos.»

— Pae, pae! não vês as filhas do Rei dançando lá em baixo na planicie, vestidas de branco, com os rostos escondidos nos cabellos?

— Meu filho, meu filho, eu vejo bem: são os salgueiros distantes, embaquecidos de neve, que o vento agita e balança e mais nada.

«Amo-te bella creança; gosto do teu rosto pallido, dos teus olhos azues como o céu e dos teus cabellos negros, como a noite; vem! quero levar-te commigo para deslumbrar-te nas riquezas do meu reino. Se tentas resistir, arranco-te dos braços de teu pae.»

— Pae, pae! o Rei me leva, o Rei me arranca, o Rei me mata. Livra-me, pae! elle é tão mau, elle é tão grande, elle é tão feio!

O pobre pae treme; fustiga o cavallo; atravessa a escuridão da noite sob a chuva que cabe e o vento que uiva; aperta tanto o filho contra o peito que o suffoca; muito depois quando entra em casa, tinha nos braços a creança morta.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.



D. Maria Aldegundes
Condessa de Bardi

A sr.^a Condessa de Bardi que segundo noticiam alguns jornaes estrangeiros tem estado ou esteve em Verin, nasceu a 10 de Novembro de 1858 e é filha do rei D. Miguel e de sua esposa a sr.^a D. Adelaide Sophia de Loewenstein.

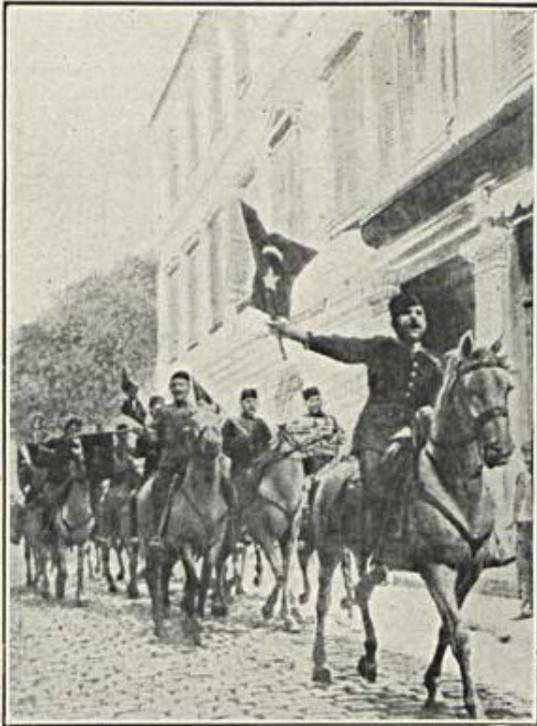
A sr.^a Condessa de Bardi é portanto tia dos principes D. Miguel e D. Francisco José que segundo os mesmos jornaes affirmam fazem parte das hostes de Paiva Couceiro.

Se estás junto de mim, se com ternura
Das-me um beijo de amor na despedida,
Sinto em todo o esplendor d'esta ventura
A delicia da vida.

Mas se se faz sentir tua demora,
Se tu não vens, oh desgraçada sorte!
Invejo então a paz consoladora,
o socego da morte.

LAFAYETTE SILVA.

A guerra entre a Italia e a Turquia



Uma manifestação militar nas ruas de Constantinopla

A Europa, apesar de todos os congressos de paz, assiste mais uma vez a uma guerra, esta entre a Italia e a Turquia, guerra injusta, unicamente fundamentada na ambição italiana que a todo o transe pretende dominar na Africa. Valendo-se da superioridade da sua esquadra que impossibilita a Turquia de socorrer eficazmente a Tripolitana e invocando razões que afinal não convencem ninguém, os italianos apoderam-se da velha colonia turca com a cumplicidade da Europa que assiste impassivel ao esmagamento do direito pela força.

Mais meditada seria de certo a attitude da

Italia se as suas fronteiras confinassem com as do imperio ottomano. E' que a Turquia apesar de ser o «enfermo do oriente» tem ás vezes impetos, «melhoras», que dão que fazer aos medicos que espreitam o momento da sua morte.

PENSAMENTOS

O jornal é um posto de combate. Cada jornalista deve ser uma sentinella.

VICTOR HUGO.

Se Deus não existisse, seria necessario invental-o.

VOLTAIRE.

Os vermes do sepulchro começam de roer a consciencia do criminoso antes de lhe devorarem o coração.

CHATEAUBRIAND.

O ouvido attento no silencio da campa nada escuta.

SOARES DE PASSOS.

O Evangelho é uma força.

...



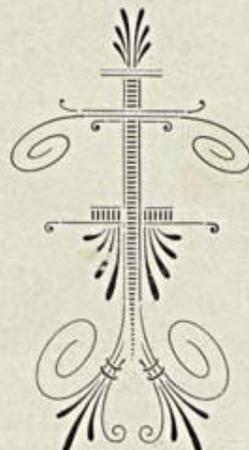
A guerra entre a Italia e a Turquia—Soldados turcos fazendo alto depois d'uma marcha

Politica Brasileira



General Dantas Barreto

Ex-ministro da guerra que se demittiu em agosto ultimo



General Menna Barreto

Actual ministro da guerra

THEATROS

Apollo.—*O Chico das pégas*, opereta em 3 actos, original de Eduardo Schwalbach, musica de Filipe Duarte—**Rua dos Condes—Avenida—Gymnasio**

Quatro theatros inauguraram já a época de inverno. Dois d'elles com duas peças de successo, já conhecidas do nosso publico, que apenas tinham o interesse de um novo desempenho, n'uma ou outra personagem. E foram ellas a *Flôr do Tojo*, no **Avenida**, pela com-



Commendador Antonio Santos
Empreziario do Colyseu dos Recreios

A companhia de variedades que ali está funcionando, confirma a competencia excepcional do illustre empresario.

panhia do actor José Ricardo, e a *Mulher do Commissario*, no **Gymnasio**, explorado, como das épocas anteriores, por Valle. São peças por demais conhecidas para que nos occupemos d'ellas, cumprindo-nos, unicamente, informar que o desempenho foi excellente.

O **Rua dos Condes**, como pessoa sabida, conhecedor do publico, procurando acertar, agarrou-se á revista.—Que dizer?... —Leram a nossa ultima chronica?—Pois ajusta bem á revista *Vá p'la esquerda*, que, diga-se a verdade, segue bom rumo, pois fórma bem á esquerda dos collegas. Lá vimos, em mais exuberancia, talvez, a mesma pateada, as interrupções intempestivas, emfim toda a bateria de *première* de revista. Sem isto é espectáculo morto, portanto, assim é e assim será. Apesar de tudo, não contámos ao certo, mas já deve ir na decima quinta.

—A peça sensacional da quinzena, para que convergiram todas as attentões, foi *O Chico das pégas*, no **Apollo**, não só por o seu auctor ser um dos poucos que no nosso meio se impõem pelo talento e qualidades de dramaturgo, mas, tambem, por se tratar de uma peça genuinamente portugueza, com typos caracteristicamente populares. D'ahi, o motivo porque o novo trabalho de Schwalbach era aguardado com uma certa anciedade. Era de prever que triumpharia em toda a linha, pela sua experiencia e finas qualidades de observador.

Não diremos que seja este um dos trabalhos de maior vulto do auctor; mas ha a ponderar que elle apenas teve em vista apresentar uma peça ligeira, em que a musica tivesse a parte importante; que fizesse rir, sem preoccupar; unicamente o desfilhar de caricaturas populares apanhadas a traço largo e, portanto, exageradas; figuras puramente de farça, tendo como unica defeza o decorrer a acção da peça no carnaval. Os dois typos mais completos da peça — a *Esperança* e o *Chico das pégas* — na sua fórma séria são apenas leves esbôços; não têm a culminancia das figuras que se movem nos *Intimos*, na *Cruz da esmola* e até mesmo na *Bisbilhoteira*. Como estudo do meio, tambem o não é. Ha figuras ali que o auctor foi buscar para dar o cambiante, o effeito. O motivo da peça é simples: Um santeiro (Miguel), que vive amancebado com uma ex-meretriz (*Esperança*). Ao fim de dois annos de boa harmonia sae a sorte grande ao santeiro — duzentos mil réis — festa rija, ceia a varios amigos, emfim um *brodio* que custou vinte cinco mil réis; no meio da alegria da ceia, entra uma actriz de opereta, que chega do Brasil, e que é recebida de braços abertos por todos. Miguel apaixonou-se por ella, pede-lhe para lhe servir de modelo para uma santa que lhe encommendaram, ao que a actriz, a quem não são indifferentes os galanteios de Miguel, accede. *Esperança* arde em ciúmes; ha um movimento de *sympathia* por ella da parte dos visinhos. O *Chico das pégas*, typo asqueroso e cynico de fadista, que está apaixonado por *Esperança*, insiste para que ella abandone o Miguel; mas por fim a actriz, compadecida de *Esperança*, resolve ir-se embora, e Miguel faz d'esta sua mulher.

Em volta da acção principal gira uma immensidade de episodios comicos, provocados por um alfayate e um sapateiro, sempre ás turras um com o outro.

O primeiro acto decorre em casa do santeiro, durante a ceia. E' muito movimentado, alegre, bem matizado. O segundo, passado n'um pateo, á guisa de quadro de zarzuela chica, é rico em detalhes, na

observação de episodios, na linguagem, mas não na vida, no agrupamento das figuras. Seria preciso reunir todos os pateos de Lisboa para nos darem aquella diversidade de typos que ali, n'uma amalgama, se reúnem. Depois, em Lisboa, vive-se mais a dentro de casa. Uma grande qualidade, porém, resalta em toda a peça: é o movimento, os effeitos theatraes; a sequencia de scenas rapidas sem um desfallecimento, sem um enfado, um momento sequer de desinteresse; passando, sem quasi se dar por isso, do comico ao dramatico, da gargalhada ao sentimento, tão naturalmente, que nos faz esquecer todas as inverosimilhanças. E' aqui que se adivinha a mão de mestre de Schwalbach, e nenhum outro conseguiria, melhor do que elle, fazer desfilhar aquella multidão de figuras por uma fórma relativamente logica e coherente. E' uma maravilha!

A musica é boa e vae bem com a acção.

O desempenho, comquanto a peça esteja entregue, em parte, a actores novos, foi excellente, excedendo toda a expectativa. Assim, Carlos Machado desenhou muito bem o *Chico das pégas*, mostrando recursos como actor e voz bem timbrada; Ilda, na *actriz*, mostrou ter vocação, bonita voz e excellente figura e tambem optimamente Augusta Freire e Jesuina Braga, — isto, quanto aos novos. Dos antigos, destacaremos o trabalho de Amelia Pereira, na *Esperança*, e Nascimento Fernandes e Silvestre Alegrem, respectivamente, no *sapateiro* e no *alfayate*.

Córos afinados e guarda-roupa a rigor.

Podem dizer-se que Schwalbach entrou com o pé direito, o que muito nos regosija.

No numero immediato publicaremos as principaes figuras da peça.

Ruy.

A superficie do Amazonas

O Estado do Amazonas mede 1.897,027 kilometros quadrados de superficie, ou sejam 360 leguas de Norte a Sul e 300 de Este a Oeste. E' mais vasto elle só que a Inglaterra, a Irlanda, a França, a Allemanha, a Italia, a Belgica e Portugal reunidos. (Superficie da Inglaterra e Irlanda 314,952 kilometros quadrados; França 528,401; Allemanha 539,737; Belgica 29,457; Portugal e ilhas adjacentes 92,575.

Total 1.781,444 kilometros quadrados.—Diferença a favor do Amazonas 115,583 kilometros quadrados).



Servio Tullio da Fonseca Magalhães
(† na Bahia a 16 de agosto de 1911)

Perda irreparavel, delorosissima, foi a que soffreu, ha pouco tempo na Bahia, o sr. J. Magalhães, a quem deve valiosos serviços o «Brasil Portugal». A morte prematura de um filho querido, victima do desastre da canôa «Lambary», occorrido ha dois mezes, foi para o coração de pae amantissimo um golpe profundo. A' sua dôr nos associamos, e publicando n'esta pagina o retrato d'esse excellente e chorado moço, comprovamos a sinceridade d'estas palavras.